

## Fortaleza de Piraquara, Angra dos Reis - RJ

Nanci Vieira de Oliveira

Professora do Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

[nancivieira@uol.com.br](mailto:nancivieira@uol.com.br)

### Resumo

As pesquisas arqueológicas na enseada da Piraquara de Fora identificaram uma concentração de estruturas defensivas, o que demonstra que esta enseada bem abrigada deveria ser procurada por embarcações estrangeiras. A distribuição destas estruturas por toda a enseada, porém independentes, o que garantia sua melhor defesa é o que se denomina como fortaleza. Estas baterias de terra e vigias, não garantiam a destruição do inimigo casual, mas tinham por objetivo dificultar o desembarque e causar “embaraços” que permitissem a Vila de Angra dos Reis o tempo necessário para a organização de sua defesa em caso de ataque estrangeiro.

### Palavras-chave

Arqueologia Histórica - fortaleza – baterias de terra – baía de Ilha Grande

### Introdução

A baía de Ilha Grande caracteriza-se por um litoral amplamente recortado e escarpado, constituída de diversas pequenas baías, enseadas e planícies costeiras que são seccionadas pelos paredões do Maciço Cristalino da Serra do Mar. A presença de blocos gnáissicos, devido a grande movimento de massa, propicia o surgimento de abrigos-sob-rocha, utilizados por populações pré-coloniais e coloniais.

A presença de um mesmo padrão de subsistência e cultura material nos abrigos e sambaquis é interpretada como referentes a uma mesma população que teria subsistido até o início da colonização portuguesa (Mendonça de Souza, 1977,1981; Lotufo, 1995). Camadas estratigráficas com maior quantidade de moluscos e ossos de peixes se alternam, fato interpretado como decorrente de migrações sazonais nos períodos de desova de peixes nos rios da região.

Cabe ressaltar que as mesmas características de subsistência, artefatos líticos e ósseos foram registrado em abrigos ceramistas.

Esta alternância de camadas estratigráficas, com mais ou menos consumo de moluscos e peixes, é observada em outros sítios arqueológicos na baía de Ilha Grande, correspondendo a períodos de maior ou menor densidade demográfica (Tenório, 1992, 1995). A diversidade de recursos nos ambientes litorâneos minimizaria a mobilidade das populações litorâneas, estimulando a sedentarização e maior densidade demográfica. Os assentamentos ocorreriam preferencialmente nas ilhas, aproveitando diferentes graus de intensidade os recursos marinhos (Lima, 1991,1995).

Mendonça de Souza (1981) propõe para o litoral de Parati estreitas relações entre diferentes tipos de assentamentos, pré-ceramistas e ceramistas, referindo-se aos europeus encontrarem um mosaico de padrões culturais. Os sítios ceramistas com uma cerâmica simples, poucos artefatos líticos em lascas e seixos, artefatos em osso (pontas, pingentes, dentes perfurados), presença de moluscos e ossos de peixes, através de projeção etnográfica, são associados aos *Guaianá* ou *Guarumimins*, grupo descrito nos séculos XVI e XVII nesta região. Cabe lembrar que, no século XVI, várias são as descrições de aldeias e acampamentos dos Tamoios no sul fluminense, sendo esta região denominada de *Iperoig*.

Após a conquista portuguesa, os aspectos geomorfológicos que propiciaram a dispersão de populações indígenas pelas enseadas e ilhas, cujos assentamentos eram estabelecidos estrategicamente em locais com maior riqueza e diversidade de alimentos, protegidos pelos ventos e com boa visibilidade, também passam a ser explorados por corsários que buscavam ancoradouros ocultos aos olhos dos portugueses.

Apesar dos esforços por parte das autoridades coloniais, no século XVII as ocupações coloniais na região ainda mantinham-se de forma tímida, vulnerável às ações de piratas. No entanto, a administração colonial da cidade do Rio de Janeiro não alcançava a maior parte das terras do litoral sul fluminense, já que estas estavam subordinadas a Santo Amaro (SP).

A descida de carregamentos de ouro das Minas Gerais até Parati, de onde eram transportados por via marítima até Guaratiba, seguindo para a cidade do Rio de Janeiro, intensificou o interesse estrangeiro pela baía de Ilha Grande. A presença constante de navios franceses nas águas sul fluminense torna-se responsável pela intensa entrada ilegal de escravos africanos para a região das minas e pelo “descaminho” do ouro. A defesa deste litoral para impedir

as ações de piratas e o comércio destes com os moradores locais ocorre através de fortificações, guardas e pontos de observação (Mello,1987).

Neste trabalho, pretendemos abordar as pesquisas na área de Piraquara, uma pequena enseada na entrada da baía da Ribeira, localizada em Angra dos Reis, onde observamos sítios arqueológicos pré-coloniais e coloniais (fig.1). Os estudos de tais sítios foram realizados através de financiamento da ELETRONUCLEAR, com o objetivo de tornar a área um espaço de Educação Patrimonial. No presente momento descreveremos e discutiremos a pesquisa nas estruturas arqueológicas relacionadas a uma fortificação, de forma a buscar compreender o significado desta no contexto da baía de Ilha Grande.

### **Piraquara de Fora: os sítios pré-coloniais**

Os sítios arqueológicos localizados nesta enseada foram descobertos em 1990/91, com apoio do CNPq, FAPERJ e Furnas Centrais Elétricas. Embora tenham sido registradas ruínas na praia do Velho e algumas estruturas no morro da Piraquara, as pesquisas enfocaram, inicialmente, os conjuntos de Polidores-Amoladores Fixos e a proximidade de um sambaqui altamente impactado (Oliveira & Ayrosa, 1992).

Dois conjuntos polidores-amoladores encontram-se em blocos de rocha no lado direito da praia (A e B) e outro conjunto em afloramento rochoso do lado esquerdo (C), todos em rocha gnáissicas. Apenas no menor conjunto (A), onde toda a superfície foi utilizada para polimento de artefatos, encontramos diferentes tipos de marcas (triangular, elipsóide, alongada, canoa, ovóide e circular), enquanto nos demais as formas predominantes foram elipsóide/ovóide. A presença de diferentes formas de marcas parece indicar, provavelmente, a total elaboração dos artefatos no local, ou seja, polimento das faces e afiação dos gumes dos machados.

A associação entre os polidores/amoladores e artefatos polidos pode ser observada pela presença de um machado polido sobre a camada húmica do sambaqui do Velho. No entanto, as escavações do sambaqui não evidenciaram presença significativa de artefatos líticos polidos, apenas alguns raros fragmentos de artefatos polidos na última camada arqueológica. Com relação aos artefatos líticos presentes no Sambaqui do Velho, puderam-se notar um predomínio de lascas de quartzo e basalto. Os levantamentos de superfície indicam que o basalto certamente era retirado da intrusão observada em afloramento nas imediações da Praia do Velho. Já o quartzo

parece ter sido explorado em intrusões próximas a corpos graníticos e em blocos encontrados nos canais de drenagem.

O Sambaqui, embora esteja impactado, teve uma pequena parte preservada próxima à meia encosta, embora se possa observar seus vestígios até as proximidades dos conjuntos de Polidores/Amoladores. A estratigrafia indicou três camadas arqueológicas cujas atividades de subsistência relacionam-se à coleta de moluscos e pesca, sendo a primeira predominante na camada II e a segunda nas camadas I e III (fig.2). Um aspecto interessante a observar é o fato de sua base e paredes laterais constituírem-se de rocha alterada.

A camada I apresenta um maior índice de perturbação por agentes antrópicos, observando-se uma predominância da pesca, e há presença de raros fragmentos de cerâmica simples, indicando vasilhames pequenos.

Na camada II, caracterizada pela predominância de coleta de moluscos, registram-se espécies como *Strombus pugilis*, *Anadara bralisiana*, *Cassostrea anicohorae*, *Thais haemastoma*, *Ostrea sp.*, além de grande quantidade de fragmentos de bivalves da família *Mytilidae*. A maioria destas espécies era coletada no local, embora as *Ostrea sp* pareçam indicar que estas eram obtidas em áreas de mangues em outros locais na baía da Ribeira.

A camada III indica uma prática mais intensa da pesca e caça de mamíferos marinhos, devendo-se registrar também uma maior diversidade de recursos alimentares, incluindo significativa presença de pinças de caranguejos e ossos de mamíferos terrestres. Restos ósseos de tubarões e raias foram representativos tanto na camada II como na III, sendo as vértebras dos primeiros preferencialmente utilizados na confecção de adornos.

Tais características indicam Piraquara de Fora, uma pequena enseada abrigada dos ventos que, pela diversidade de espécies de peixes e moluscos, constituiu um local preferencial para populações humanas pré-coloniais que ocupavam e exploravam os recursos na baía da Ribeira.

## Fortificação em Piraquara

Vestígios de edificações de períodos distintos na praia do Velho já haviam sido identificados desde 1990, encontrando-se estas nas proximidades e sobre parte do sambaqui. Análise de fotografias aéreas indica que, nas décadas de 1960 e 1970, apenas a edificação sobre

parte do sambaqui ainda existia, que segundo informações era habitada por um morador local de nome Manoel, apelidado de Velho.

O interesse pela ocupação colonial nas proximidades de Piraquara inicia-se na segunda metade do século XVIII, quando encontramos solicitação de carta de sesmaria na área do rio Mambucaba e a construção de uma capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário próxima à foz do mesmo rio. De acordo com a carta de sesmaria do Padre Francisco da Nóbrega, administrador do Aldeamento de Nossa Senhora da Guia (Mangaratiba), este adquiriu terras em Piraquara para construção de uma engenhoca (1797), sendo estas contíguas às de sua fazenda na mesma região. No levantamento documental no Arquivo Paroquial de Angra dos Reis surgiu também a indicação de uma fortificação em Piraquara em fins do século XVII, também mencionada por Honório Lima ([1889] 1974) e Alípio Mendes (1970). A existência de uma fortificação igualmente aparece na toponímia, constatando-se uma das extremidades da enseada da Piraquara como ponta da Fortaleza.

Informação também significativa obtida através das cartas de sesmarias, tanto na Piraquara (1797) como ao lado desta, em *Itaorna* (1804), são as indicações de pontas de arpoar e arpoador, termos indicativos da pesca da baleia na região, provavelmente um empreendimento já estabelecido há alguns anos e contemporâneo à fortificação. As armações sempre se estabeleciam em entradas de baías e enseadas de fácil acesso, e próximas a fortificações, de forma a ter proteção do vento sul e de ataques piratas. Segundo Ellis (1968) teria existido uma sede de empreendimento baleeiro localizado na ilha da Gipóia, próxima à entrada da baía da Ribeira e, portanto, fronteira à Piraquara. Uma outra armação de baleia é encontrada na primeira década de século XVIII na Marambaia, mantendo-se nesta atividade por todo o século XVIII e, provavelmente, durante alguns anos no século XIX.

A vulnerabilidade desta área do litoral fluminense exigiu constantes esforços das autoridades da cidade do Rio de Janeiro. A intensificação da exploração aurífera nas regiões de São Paulo e de Minas Gerais tornou os caminhos do sul fluminense, ao mesmo tempo, eficientes para o escoamento do ouro legal e ilegal. O interesse e a importância desta região para os franceses podem ser observados em seus mapas, estando sempre assinalados a cidade do Rio de Janeiro, Parati, Ilha Grande e Marambaia, com detalhes do relevo, locais para abastecimento e construções existentes na região.

Na primeira metade do século XVIII, várias são as consultas ao Conselho Ultramarino e correspondências do Governador Geral do Brasil relatando perseguições a navios piratas

franceses, as necessidades de haver no Rio de Janeiro um navio guarda-costas e meios para evitar que os franceses se hospedem na Ilha Grande.

Entre as medidas tomadas pelo governo do Rio de Janeiro para impedir as ações de piratas encontra-se a construção de fortificações e vigias em vários pontos do litoral fluminense, inclusive na Ilha Grande.

Entre estes se encontra a fortificação da Piraquara, cujo levantamento dos vestígios arqueológicos confrontou-se com a dificuldade de identificação devido à intensa dinâmica dos sedimentos no morro da Piraquara, das modificações na praia do Guariba decorrentes de movimento de sedimento na década de 1980 e ações antrópicas até os dias atuais. Devemos lembrar que fortificação, como um termo genérico, encerra em si diferentes tipos de obras para defesa militar. Já o termo fortaleza, presente na toponímia local, indica a existência de baterias instaladas em obras independentes. Cabe esclarecer que baterias tanto podem apresentar-se no interior de um forte ou fortaleza como de forma isolada, armada com algumas peças de canhões e geralmente composta de apenas um muro de pedra ou de terra. Os documentos referentes às estratégias de defesa do litoral referem-se à instalação, além das baterias, de faxinas e vigias. As faxinas correspondem à preparação e revestimento com paus curtos ou ramos dos taludes ou dos parapeitos de baterias, de forma a protegerem a artilharia.

A instalação de estruturas de defesa no litoral tinha por base os pontos favoráveis ao desembarque de invasores eventuais, como é o caso de Piraquara, uma enseada bem protegida e com água potável. Dentre as orientações de Luiz Serrão Pimentel (1665) para construção de fortificações, as mais tenazes eram as que “sem serem revestidas de muralha de pedra e cal” tornavam-se mais seguras e defensáveis, porém nunca deveriam ser estabelecidas sem as “praças baixas” (Barreto, 1958; Tavares, 2000).

Na enseada de Piraquara constatamos a existência de estruturas arqueológicas em pedras sob a forma de muretas, alicerces e outras já desfiguradas pelo tempo, ao nível do mar e em diferentes curvas de nível no morro, em pontos com maior visibilidade do mar (fig. 3).

Ao nível do mar, estas muretas ou alicerces encontram-se localizados em ambos os lados da praia do Velho, permitindo uma boa visão da enseada e, ao mesmo tempo, a posição de artilharia impediria ou dificultaria o desembarque. Assim, identificou-se no lado direito da praia um muro de pedras no qual, embora esteja impactado pela construção de uma Marina, pode-se ainda observar uma extensão de 4,90 metros, tendo 90 centímetros de largura e 1,70 metros de altura,

orientado para Nordeste. No lado esquerdo da praia, observa-se um muro de pedra com setores retilíneo e côncavo, com diferentes alturas, em conformidade com o relevo do local. O muro apresenta uma extensão de aproximadamente 19 metros, altura variando de 1,30 metros a 50 centímetros, formando sobre este uma plataforma. A orientação Norte é predominante e Oeste em sua extremidade. Este muro encontra-se alinhado com a edificação do século XVIII, a uma distância de 24 metros. Deste ponto tem-se o controle de qualquer desembarque na praia. A prospeção realizada no setor mais alto indicou uma camada húmica com cerca de 20 cm, solo argiloso onde apareceram alguns pequenos fragmentos de louça branca até a profundidade de 40 cm (fig. 4).

Nesta mesma direção da enseada e no mesmo nível do muro descrito acima, identificou-se uma base de edificação, bem como alinhamentos e muros de arrimo de pedras. A limpeza da área e prospeções permitiram identificar dois níveis de ocupação, uma antiga e outra recente. A antiga base de edificação possui 12 metros de comprimento e 5 metros de largura, impactada pelo tempo e por ação antrópica. Sobre esta base se encontram vestígios de uma outra construção que teria sido de taipa coberta por palha, com parte do piso em cimento, delimitado por pequenos blocos de pedra, alguns destes aproveitados da construção mais antiga (fig. 5). Para contenção, distante cerca de 2 metros da edificação, há um muro de arrimo de pedra.

O posicionamento de bases de defesa ao nível do mar também pode ser observado nas proximidades da praia do Guariba, área mais interna da Piraquara, embora deva ser assinalada que esta se encontra totalmente alterada devido a deslizamento de sedimento. Em uma pequena praia no lado esquerdo podemos observar um muro de pedra bem próximo à praia e ao lado de um canal de drenagem. O muro de arrimo apresenta-se em L, com cerca de 7 metros de frente e 1 metro de altura, formado uma plataforma e, sobre esta, distante cerca de 1,50 metros, um outro muro.

Na outra extremidade da Piraquara, ou seja, na ponta da Fortaleza, à beira mar, sobre afloramento rochoso, encontra-se uma plataforma de pedras de base retangular, tendo sua parede voltada para o mar 1,55 metros de altura e espessura que varia de 60 a 70 centímetros. Junto a esta, em sua parte posterior, observa-se uma área de descarte alimentar com grande quantidade de moluscos, similar aos sambaquis. Deste ponto podem-se visualizar embarcações que passem entre Angra e a ilha da Gipóia, enquanto que na Ponta Grossa, a outra extremidade da Piraquara, visualiza-se a entrada por Parati e as embarcações que contornassem a ilha da Gipóia (fig. 6).

Acima destas posições, em pontos na primeira curva de nível, encontramos alternando-se espacialmente com as bases ao nível do mar na enseada de Piraquara de Fora, outras estruturas de alinhamentos de pedras, sempre próximas a matacões. Do lado direito da praia há apenas uma estrutura de alinhamento de pedras duplas em L, tendo 9,60 metros de comprimento, formando uma plataforma orientada para Nordeste (fig. 7). Após a limpeza da área, foi realizado um *trancept* na parte externa e ao longo de seu comprimento, bem como uma quadrícula de 2x2 m foi demarcada em seu interior. O solo argiloso encontrava-se muito compactado, apresentando apenas na parte interna da estrutura restos de carvões esparsos localizados, bem como cultura material entre 15 e 30 cm de profundidade. Próximo a estes foram encontrados fragmentos de ferro, uma argola metálica, um botão e uma moeda do Primeiro Império. Todos estes objetos encontravam-se no setor onde havia carvão esparso.

No lado esquerdo da praia do Velho, igualmente na primeira curva de nível, aparecem diversas estruturas com pouca distância entre si. Na primeira delas podem-se observar duas estruturas de pedras, lado a lado, orientadas para o Norte. A menor destas, com 4,60 metros de comprimento, muros de pedras superpostos totalizando 1,20 metros de altura, encontra-se ao lado de um grande bloco de granito (matacão). A outra estrutura corresponde a uma base retangular com cerca de 7 metros de comprimento e 6 metros de largura. Esta apresenta um alinhamento simples de pedra distante 1 metro de um alinhamento duplo com 50 centímetros de altura no seu lado frontal. No seu lado esquerdo alguns blocos de pedra indicam ter existido uma contenção e, no lado direito, ainda se observa parte de um alinhamento de pedras com 50 centímetros de altura (fig. 8). As prospecções nestas estruturas evidenciaram, na de maior dimensão, um solo altamente compactado e rico em minério de ferro, apresentado formato que lembra encaixe de alguma peça. Não muito distante destas estruturas, há um outro alinhamento simples de pedras de aproximadamente 3 metros, também associado a um grande bloco de granito, formando um pequeno patamar, orientado para o Norte.

Um outro alinhamento simples de pedras encontra-se em um grande platô, também associado a um grande matacão (fig. 9). De forma diferente das demais, este alinhamento encontra-se orientado para o platô, onde vemos uma grande quantidade de rochas, sem uma visibilidade direta do mar. Esta estrutura apresenta-se com aproximadamente 3m de comprimento, orientado para Sudeste. Não muito distante deste observa-se um círculo de pedra amontoadas, coberta por vegetação, com cerca de 1,50 metros de diâmetro, como também outros alinhamentos simples de pedras que foram impactados por construção recente.

Da mesma forma observamos tais vestígios em nível mais elevado na parte interna da enseada da Piraquara. Uma edificação do século XIX, reaproveitada nos últimos anos e abandonada, foi construída sobre um grande patamar circundado por um muro de arrimo de cerca de 25 metros de comprimento, tendo um outro ao lado, cujos blocos de pedra parecem mais antigos dos que foram utilizados na casa. Tais muros de pedras encontram-se próximos a grandes matacões e possuem ótima visão de toda a enseada.

As construções ao nível do mar parecem corresponder às baterias de terra formando as denominadas “praças baixas”, complementadas pela ação de baterias em nível imediatamente superior, pois todas permitem uma boa visualização da praia do Velho e uma distância para tiro. Já nos níveis mais altos, ou seja, no alto do morro da Piraquara, a linha de visada com um alcance muito maior e a presença de outros tipos de estruturas parecem indicar as chamadas vigias. Assim, em um dos pontos privilegiados com vista para a baía de Ilha Grande, pode-se visualizar qualquer embarcação que entre por Parati. Nesta área encontramos próximo a grandes matacões um alinhamento de pedras duplas, com cerca de 12 metros de comprimento. Junto aos matacões, em sentido contrário ao alinhamento, observamos superposição de pequenos blocos, o que sobrou do que deve ter sido uma pequena mureta, fechando em parte o acesso ao interior dos matacões.

No mesmo nível, mas em local de ótima visada do mar, no caso da própria Piraquara até seu outro extremo, onde se localiza a ponta da Fortaleza, encontrou-se um antigo forno de farinha já totalmente alterado pelo tempo. Uma outra estrutura de pedras amontoadas em círculo e alinhadas já totalmente degradados pelo tempo e outros agentes pode ser observada entre a ponta da Pitanga e a Ponta Grossa, local provavelmente também utilizado como vigia, pois possibilita ótima visibilidade do mar e possibilidade de sinalização para a fortificação na Ponta Leste.

## Considerações

As estruturas descritas indicam que no local foram construídas as denominadas faxinas, representadas pelos alinhamentos simples de pedra, baterias de terra e vestígios de ocupação referentes às vigias. A distribuição destas estruturas por toda a enseada, porém independentes, o que garantia sua melhor defesa, é o que se denomina como fortaleza. Embora o levantamento tenha se concentrado mais na enseada da Piraquara de Fora, a concentração de estruturas defensivas demonstra que esta enseada bem abrigada deveria ser procurada por embarcações estrangeiras. Estas baterias de terra e vigias não garantiam a destruição do inimigo casual, porém

tinham por objetivo dificultar o desembarque e causar “embaraços” que permitissem à Vila de Angra dos Reis o tempo necessário para a organização de sua defesa em caso de ataque estrangeiro.

De acordo com a correspondência de Luiz Vahia Monteiro (1726), foram instaladas várias peças de artilharia de pequeno calibre em diversas enseadas e locais propícios ao desembarque de navios estrangeiros. Em Angra dos Reis, Honório Lima (1889) menciona fortificações em Tucupê, Piraquara e Ponta do Leste, assim como parece ter existido baterias e vigias em ilhas adjacentes às cidades de Angra e Parati.

Piraquara encontra-se na entrada da baía da Ribeira, se contrapondo ao forte da Ponta Leste, o que permitia sinalização entre seus ocupantes. Da mesma forma que na Ponta do Leste, os vestígios da fortificação encontram-se em diferentes níveis no morro da Piraquara de Fora, tendo nas paredes de pedra próximo ao mar o início para a subida às baterias e vigias, dispostas em locais que permitiam a visualização das embarcações que chegassem pelo Leste ou Oeste.

No início do século XIX as fortificações e vigias instaladas no século anterior encontravam-se abandonadas segundo documentos das Câmaras de Parati e Angra dos Reis. A partir de 1823 novas medidas são tomadas em relação à defesa da baía de Ilha Grande, estabelecendo-se novas baterias de terra e reforçando as já existentes, os quartéis e fortes. Assim foi feito em Piraquara: as baterias de terra em melhores condições de preservação correspondem a esta reestruturação defensiva, atestada pela presença de moeda do Primeiro Império em uma delas. A quantidade mínima de cultura material nestas estruturas parece indicar que sua utilização não foi muito longa, sendo que em meados do século XIX já não existe mais como fortaleza ativa. Verificamos que os descendentes de famílias tradicionais da região não possuem registro na memória da existência de uma fortificação em Piraquara. Tal ausência se deve ao fato dos ancestrais destas famílias terem adquirido, em sua maioria, as terras na região após a desativação da fortificação, ou seja, em meados do século XIX.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a ELETRONUCLEAR, patrocinadora da pesquisa e à Marina de Piraquara pela acolhida e apoio local. Em especial aos companheiros de pesquisa Pedro Paulo Funari e Gilson Rambelli pelas sugestões e prontidão em discutir os dados de campo e documentais, Ivan Francisco da Silva pelo apoio no georreferenciamento, aos técnicos de campo e laboratório

Guilherme Vieira de Souza, Flávia Vieira de Oliveira Aguiar e Fábio Origuella de Lira, aos bolsistas e outros participantes dos trabalhos de campo.

## Bibliografia

ARAUJO, José de Souza A. Pizarro (1946). *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional.

BARRETO, Cel. Aníbal (1958). *Fortificações do Brasil (Resumo histórico)*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Ed.

ELLIS, Myriam (1968) *A Baleia no Brasil Colonial*. São Paulo, Ed. Melhoramentos/EDUSP.

FUNARI, Pedro Paulo A (1998) *Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano*. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (org), *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Campinas, IFCH-UNICAMP, pp. 7-34.

\_\_\_\_\_ (1999) Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul. *Tempos Históricos*, 1 (1): 11-44.

GASPAR, M.D. & TENÓRIO, M.C. (1990) Amoladores e polidores fixos do litoral brasileiro. *Revista do CEPA*, vol. 17 (20):181-190.

GURGEL, Heitor & AMARAL, Edelweiss Campos (1973) *Paraty, Caminho do Ouro*. Rio de Janeiro, Livraria São José.

KNEIP, L.M. & OLIVEIRA, N.V. (2000) *Amoladores e Polidores Líticos Fixos da Ilha de Marambaia*. II Simpósio Técnico-Científico da Marambaia: Avanço nos Conhecimentos, UFRRJ, Seropédica.

LIMA, Honório ([1889]1974) *Notícia Histórica e Geográfica de Angra dos Reis*. Rio de Janeiro, Ed. São José.

LIMA, Tânia A. (1991) *Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1995) *Ocupações Pré-Históricas em Ilhas do Rio de Janeiro*. In: BELTRÃO, M.C. (org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 95-104.

LOTUFO, César A. (1995) *A Ocupação Pré-Histórica do Litoral Centro-Sul Fluminense: Inserção Geomorfológica de Assentamentos e Aspectos Ecológicos*. In: BELTRÃO, M.C. (org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 57-68.

MAWE, John (1978) *Viagens ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, São Paulo, EDUSP.

MELLO, Carl Egbert hansen Vieira (1987) *Apontamentos para servir à História Fluminense (Ilha Grande), Angra dos Reis*. Ed. Do Conselho Municipal de Cultura.

MENDES, Alípio (1970) *Ouro, Incenso e Mirra*. Angra dos Reis, Ed. Gazeta de Angra.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo (1977) Pré-História de Parati. *Nheengatu*, 1(2):47-90.

\_\_\_\_\_ (1981) *Pré-História Fluminense*. IEPC/SEEC, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, N.V. & AYROSA, P.P.S. (1992) Polidores e Amoladores fixos de Piraquara, Angra dos Reis. *Anais da VI Reunião Científica da SAB*, Rio de Janeiro, 753-760.

TENÓRIO, M.C. (1992) Pesquisas arqueológicas na Ilha Grande, RJ – Sítio Ilhote do Leste. *Anais VI Reun. Cient. SAB*, vol. I: 292-303.

\_\_\_\_\_ (1995) Estabilidade dos Grupos Litorâneos Pré-Históricos. In: BELTRÃO, M.C. (org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 43-50.

\_\_\_\_\_ (1999) Os Fabricantes de Machados da Ilha Grande. In: *Pré-História da Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 233-246.

SOUZA SILVA, Joaquim Norberto (1854) Memória histórica e documentada das aldeias de índios da Província do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 15.

TAVARES, Aurélio de Lyra (2000) *A Engenharia Militar Portuguesa na construção do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora.

## Fontes Documentais

**Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1645.** Carta do Governador do Rio de Janeiro, Francisco de Sotto Mayor ao Rei, com 5 documentos anexos. Arquivo Histórico Colonial, caixa 2, n. 57.

**Lisboa, 26 de setembro de 1699.** Consulta do Conselho Ultramarino, sobre as instruções que pedira o Governador do Rio de Janeiro a respeito do socorro que devia enviar aos navios, que navegavam de Santos para o Rio, para os proteger dos ataques dos piratas. AHU-Baía, cx. 6, doc. 116. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 7, D. 590.

**Lisboa, 2 de setembro de 1704.** Consulta do Conselho Ultramarino, acerca das informações que remetera o Governador e Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, dos roubos praticados por dois navios piratas e das providencias tomadas para os perseguir. AHU-Baía, cx. 6, doc. 116. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 7, D. 590.

**Bahia, 12 de abril de 1712.** Carta do governador-geral do Brasil Pedro de Vasconcelos ao rei [D. João V] informando sobre as naus francesas que foram a Ilha Grande. AHU-Baía, cx. 6, doc. 116. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 7, D. 590.

**Lisboa a 13 de janeiro de 1717.** Provisão passada a Paullo Luiz da Gama sobre contrato da pescaria das baleias nas Armações da cidade do Rio de Janeiro e da Marambaia. Arquivo Nacional, Fundo Governadores do Rio de Janeiro, cód. 77 . V. 24.

**Bahia, 16 de Agosto de 1721** - Carta do vice-rei e governador-geral do Brasil Vasco Fernandes César de Menezes para o governador do Rio de Janeiro Aires de Saldanha de Albuquerque sobre: recebimento de cartas, tranquilidade das minas, com a remessa de um destacamento, a chegada da frota, despesa dos soldados e navio francês que se achava na Ilha Grande. AHU-Baía, cx. 12, doc. 4 e 5; AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 15, D. 1244.

**Bahia, 28 de fevereiro de 1724.** Carta do vice-rei e capitão-general do Brasil, conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes ao [governador do Rio de Janeiro] Aires de Saldanha de Albuquerque recomendando que remeta para a Bahia a família do francês João Borguignon e os seus bens que se lhe seqüestraram na Ilha Grande. AHU-Baía, cx. 16, doc. 9. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 18, D. 1631.

**Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1726.** Carta do Governador Luiz Vahia Monteiro, sobre a fortificação e construção dos quartéis da Ilha Grande. Publicação do Archivo Nacional, volume XV, 1915.

**Lisboa, 9 de julho de 1727.** Provisão régia pela qual se louvou o Governador Luiz Vahia Monteiro pelas medidas que tinha tomado para defesa das Vilas de Parati e Angra dos Reis. Publicação do Archivo Nacional, volume XV, 1915.

**Lisboa, 24 de novembro de 1730.** Consulta do Conselho Ultramarino, acerca da informação enviada pelo Ouvidor geral do Rio de Janeiro sobre as obras da Fortificação da Ilha Grande. Publicação do Archivo Nacional, volume XV, 1915.

**Documentos da Câmara da Villa de Paraty,** com relação aos Fortes, Quartéis e Guarnições Militares, no período de 1823 a 1850, transcritos e organizados por RAMECK, M.J. & MELLO, D. (org.) na obra *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty, 1801-1883*, Câmara Municipal de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty, 2004.

## Imagens



Fig.1

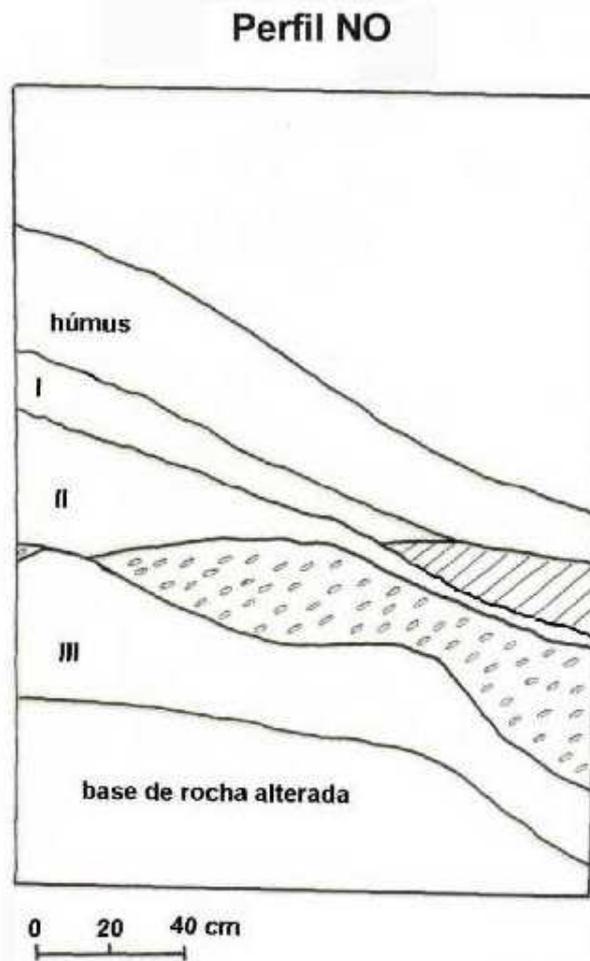


Fig. 2

Levantamento Sistemático de Superfície  
Sítios Arqueológicos Históricos

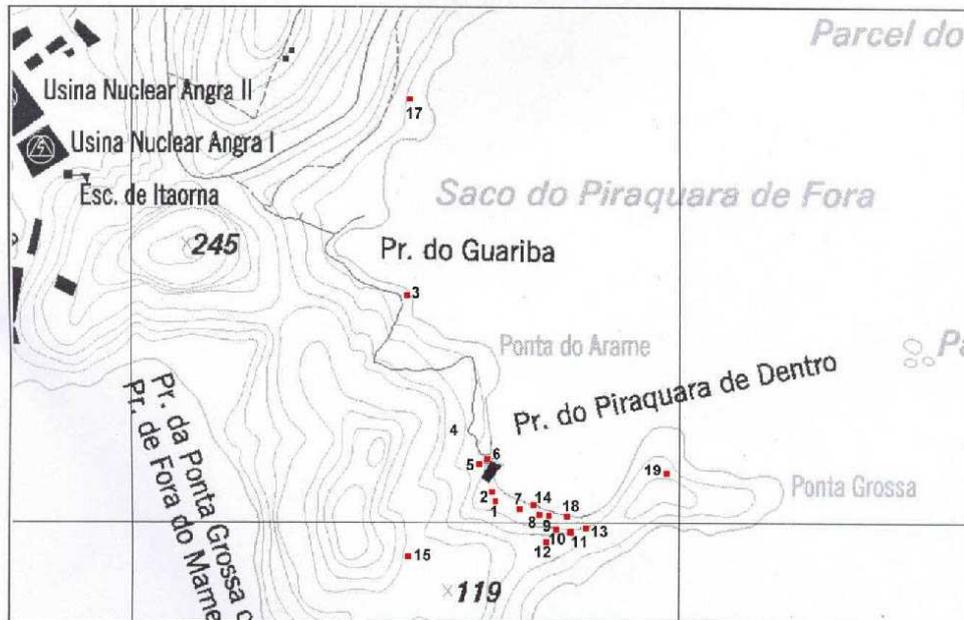


Fig. 3



Fig. 30 Detalhe do Muro de pedra seca próximo ao polidor/amolador C

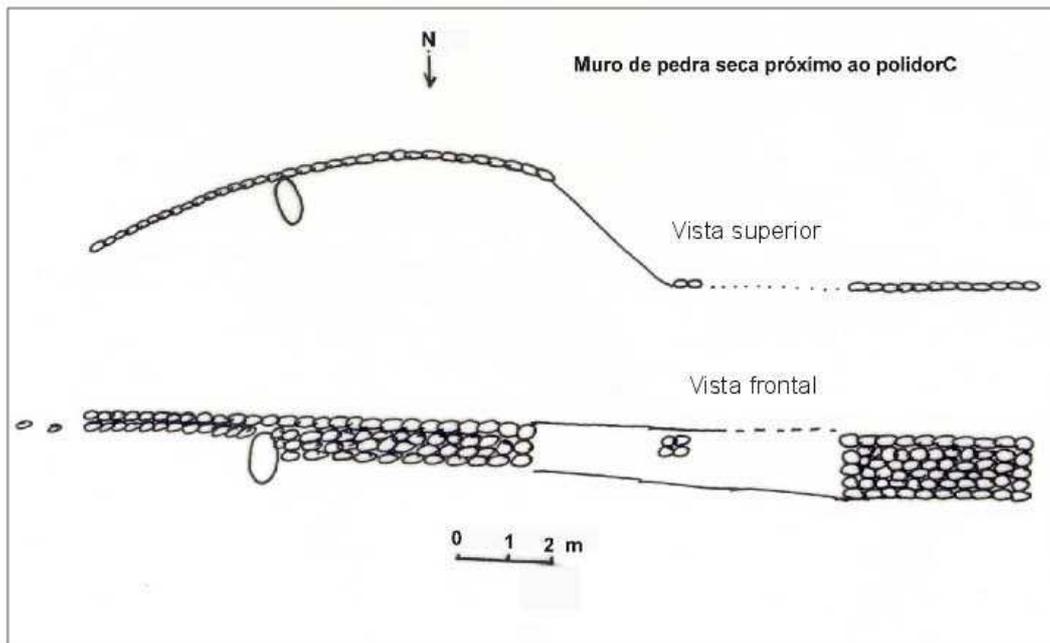


Fig. 4

# mneme revista de humanidades

Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó.

V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. – Semestral

ISSN -1518-3394

Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme)

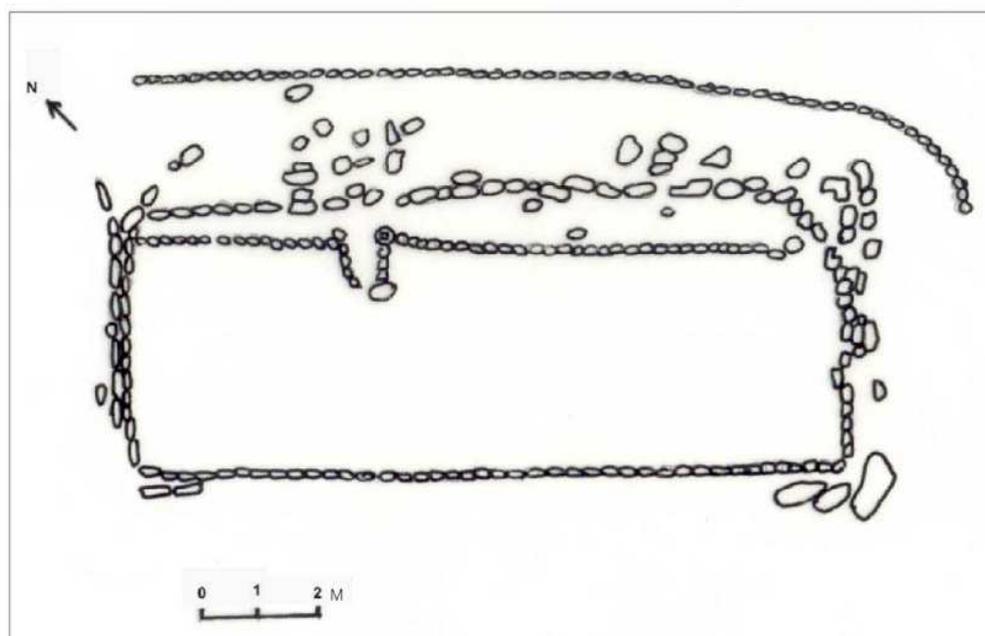
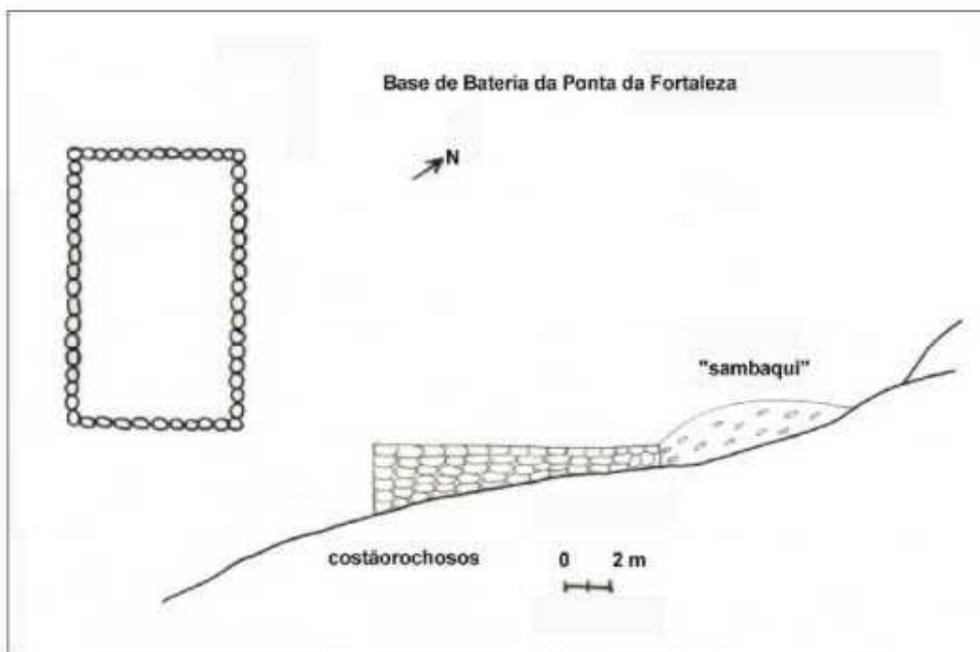


Fig. 5 Estrutura de edificação próxima ao mar



**Fig. 6** Bateria de terra em costão rochoso na Ponta da Fortaleza



**Fig. 7**

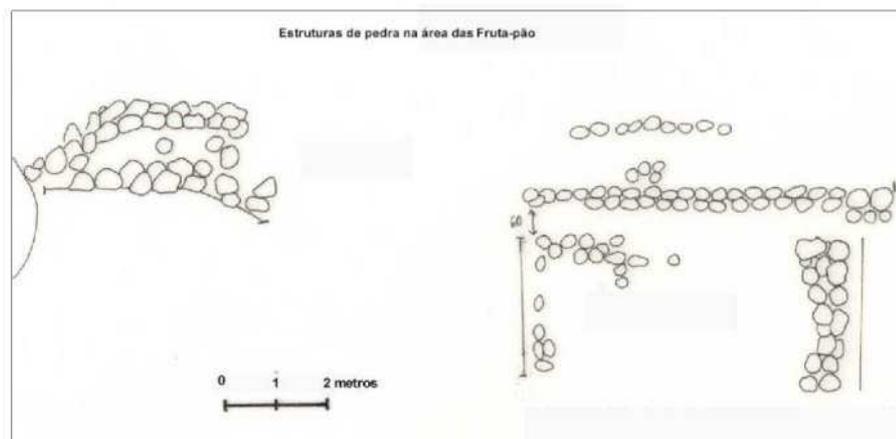


Fig. 8.

